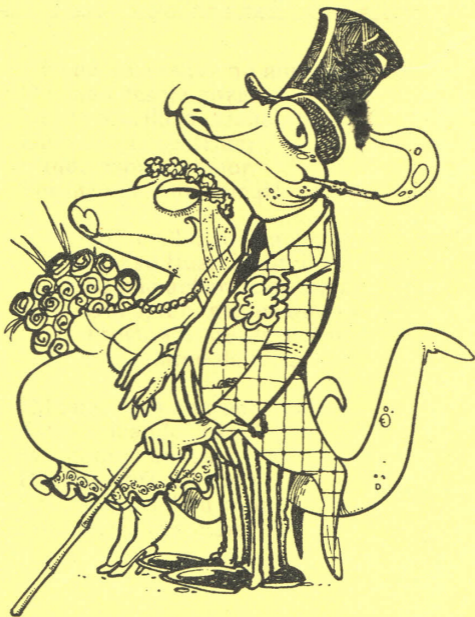
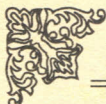


LEANDRO GOMES DE BARROS

CASAMENTO E DIVÓRCIO DA
LAGARTIXA



Editado em Fortaleza em Dezembro de 1999 - Tiragem Limitada



Leandro Gomes de Barros



Casamento e Divórcio da LAGARTIXA

Não há quem viva no mundo
Que não deseje gozar
Desde o velho à criancinha
Quer a vida desfrutar
E tudo aspira o amor
Porque viver diz amar!

Disse a Lagartixa um dia:
"Eu só ficarei solteira
Se não achar nesta terra
Um diabo que me queira,
Procurarei desde as casas
Até o largo da feira."

"Mamãe com quarenta anos
Estava ficando "titia"
Mas tomou um cachaça
Da mais forte que havia,
Foi à feira, achou papai,
Voltou rica neste dia."

“É o que eu faço também...
Tomo um dia uma cachaça
Vou para a porta da rua
Ali nem mosquito passa
E só volto com um marido
Ou emprestado ou de graça.”

"Mamãe dizia uma coisa
Que eu achava muito exato:
- Quando faltar o cachorro
Se pode caçar com gato
E não tem um desses dois
Então bota a mãe no mato."

Uma tia disse a ela:
- Minha filha, não se veixe!
Respondeu a Lagartixa:
O que vier na rede é peixe,
Eu vou procurar marido
Se achar muito trago um feixe.

A Lagartixa então saiu
Vendendo azeite às canadas,
Encontrou com o Calango,
Uma alma dispersada
Que andava com a moléstia
Procurando namorada.

O Calango suspirava
Pela vida de casado,
A Lagartixa também

Tinha se desenganado,
Que não acharia nunca
Quem fosse seu namorado.

Quando o Calango viu ela
Ficou todo animado
Disse consigo: Já sei
Hoje volto transformado...
Também disse a Lagartixa:
Já encontrei namorado...

Cumprimentaram-se ambos
Com grande contentamento,
O Calango com requebros,
Ela com derretimento,
Com cerimônia um do outro
Não trataram em casamento.

Ela perguntou-lhe apenas
Como ele se chamava,
Ele perguntou a ela
Onde o pai dela morava,
Se a mãe não tinha ciúme
Quando ela passeava.

Respondeu a Lagartixa:
- Papai faz cara feia,
Tem dias que ele se zanga
Jura de meter-me a peia,
Mas eu saio na lua nova
E volto na lua cheia...

Era um namoro rombudo...
Ela chamava neguinho,
Calango flocava a cauda,
Pedia a ela um beijinho...
A Lagartixa dizia
- Espere aí, meu anjinho!

O velho às vezes dizia:
- Eu quero sinceridade;
A mãe dela então dizia:
- Meu velho, isso é bestidade,
Rapaz brincar com uma moça
São coisas da mocidade.

Você já está esquecido
Do tempo do nosso amor?
Eu era com uma abelha
Você como um beija flor!
Eu desfrutava em seus braços
O mais suave calor!

A mãe afrouxava ela
Sendo uma moça solteira,
Calango dava-lhe o braço
Iam passear na feira,
Se a fome não os apertasse
Passavam a semana inteira.

O pai de nada sabia
Porque vivia por fora,
Calango meteu-se a dentro

Como quem diz: - É agora!
O velho de longe assim,
Não vê se a filha namora.

Ora, o pai da Lagartixa
Era um pobre analfabeto,
Entendia que o Calango
Fosse um mulato correto,
Quando veio abrir os olhos
Foi tarde, já tinha neto.

E foi o velho Lagarto
Queixar-se à autoridade,
Dizendo que o Calango
Fez-lhe aquela falsidade,
Desonrou a sua filha
Sendo menor de idade.

Nesse tempo o Cururu
Era subdelegado,
O velho foi lá chorando
Porque andava injuriado,
O Cururu disse: Volte,
Que você será vingado...

O Calango conhecendo
Do jeito que a coisa ia
E sabendo que a justiça
Com certeza o prendia
Disse: - Uma retirada
É sinal de valentia.

Aí saiu o Calango
Pelo mundo foragido
A Lagartixa também
Se pôs ao fresco escondido,
Tanto que quando voltou
Já foi com outro marido.

Pensou consigo o Calango:
- Não devia ser ingrato,
E não voltando dali
Seria como de fato
E mesmo era covarde
Se não saísse do mato.

A Lagartixa o amava
Com tanta sinceridade,
Pois desde a primeira vista
Que lhe tomou amizade
E assim era Calango
Baixar a dignidade.

Quando o Calango voltou
Achou um "rôlo" tremendo,
A Lagartixa lhe disse:
- Fiz uma que me arrependo,
Já dei com os burros n'água
Mas deixe estar, que eu me
emendo.

A Lagartixa por isso
Levou três surras de peia,
Calango também passou

Oito dias na cadeia
Para deixar o costume
De namorar filha alheia.

Casou-se sempre o Calango
Embora fosse obrigado,
Botou um grande negócio
Tratou de ser homem honrado,
A Lagartixa em três dias
Vendeu dali tudo fiado.

O Calango comprou tudo
Fiado ao Camaleão
Entregou à Lagartixa
Foi tratar de uma eleição
Quando voltou não achou
Nem onde tinha a armação

Até o próprio balcão
Ela o tinha empenhado,
Deu para embrulhar sabão
Com o livro do apurado
Os utensílios da venda
Tudo já tinha voado.

O Calango com aquilo
Entristeceu de repente
Exclamou: - Mulher danada
Você me deixou doente,
Me diga agora que conta
Presto eu ao seu parente?

A Lagartixa lhe disse:
Não precisa se vexar,
Seu primo Camaleão
Por isso não vai lhe dar,
Dê-lhe uma satisfação
Diga que vai arranjar...

O Calango respondeu,
Eu não passo por velhaco...
Respondeu a Lagartixa:
Você ainda dá cavaco?
Os calotes no comércio
Hoje se chamam "buraco".

Então o Calango disse:
Veja se bota o almoço...
Respondeu-lhe a Lagartixa:
Tenha paciência, moço
À falta de dois vinténs
Eu ontem comi ensosso.

E se você voltou liso
Dana-se agora o negócio
Pode arrumar a trouxa
E vamos abrir o divórcio,
Caixeiro sem capital
Só nos lucros será sócio.

Marido sem nem um "X"
Não quero que não me acode,
Não tem que ficar zangado

Nem que puxar o bigode,
Mulher hoje em dia é luxo
E luxo só tem quem pode.

Mamãe dizia ao papai:
"Se estiver aborrecido
me avise logo com tempo
e pode ficar prevenido,
da forma que eu mudo a saia
também mudo de marido".

E note bem que já fez
Mais de um mês que estou casada
E não agüento mais
Esta vida assim privada,
Trabalhar para comer"?
Vou-te, seu Zé, vai lá nada...

O Calango disse a ela:
Mulher, não fale em divórcio!
Respondeu-lhe a Lagartixa:
Você parece um beócio...
Escolha de duas uma:
Ou deixá-lo ou dar-lhe um sócio.

Agora estou conhecendo
Que a vida é uma pilhéria,
Antes viúva contente
Do que conservar-se séria,
Quem adotar meu sistema
Nunca se vê na miséria.

Com quatro coisas no mundo
Eu tenho me encabulado:
Com candeeiro vazando,
Com fogão desmantelado,
Com almofada sem birros
E homem desempregado.

Disse o Calango: É bonito
Você se divorciar,
Abandonar seu marido
E o povo a censurar,
Seu nome ficar na rua
Gato e cachorro a falar.

Disse então a Lagartixa:
Deixe queimarem meu nome,
Eu não quero é que se diga
Esta danada não come
De que dizer-se é honrada
Mas está morrendo a fome.

O Calango ali ficava
Que nem podia falar,
Quando ouvia ela dizer
"eu vou me divorciar"
puxava tanto as barbas
que só faltava arrancar.

Dizia ela: Rapaz
Não se veixe, isto é asneira,
Existem duas farturas:

É de mulher e poeira,
Debaixo de qualquer ponte
Você acha, tantas queira.

Mulher feia e homem ruim
Isto todo dia aumento,
A fartura já é tanta,
Que o mundo não agüenta,
Eu fui ver se achava um
Encontrei mais de quarenta.

Disse o Calango: Meu pai
Tão bem casado viveu!
A Lagartixa lhe disse:
Então era como o meu...
Mamãe tinha dez maridos,
Nove foi papai quem deu.

O namoro suja o nome
Eu conheço que é exato,
Mas eu não tendo dinheiro
Namoro cachorro e gato,
Do ar só deixa urubu
E da terra carrapato.

Por favor ouça mais essa,
Se não for verdade, diga,
- Capricho familiar
resulta sempre em intriga,
honestidade não veste,
honra não enche barriga.

O Calango disse a ela:
Minha mãe viveu honrada
Se acabou nua e com fome,
Porém nunca foi manchada...
Respondeu a Lagartixa:
Também morreu desgraçada.

Minha avó morreu velhinha
Porém no lugar que ia
Quinze, vinte namorados
Todas as vezes trazia
Fora muitos que ficavam
Que meu avô não sabia.

E aquela minha prima
Você sabe ela quem é,
Casou com Tijuaçu
Tem filhos de Jacaré,
Mas nem por isso o marido
Ainda perdeu-lhe a fé.

Disse o Calango: Você
Só pensa no que é ruim...
Respondeu-lhe a Lagartixa
Meu avô dizia assim:
O mel por ser bom demais
As abelhas dão-lhe fim.

Disse o Calango: Já sei,
Você não quer mais ser minha.
A Lagartixa lhe disse:

Quando nasci foi sozinha,
Pegar três e soltar um
Disso já estou cansadinha.

O Calango perguntou-lhe:
Tens algum no pensamento?
Respondeu-lhe a Lagartixa:
Antes do meu casamento
Eu já andava aos abraços
Com seu primo Papa-vento.

Calango então ficou
De tudo desesperado
Exclamou em alta voz:
Papa-vento desgraçado!
Não respeitou a mulher
Com quem eu era casado.

Entrou logo numa loja
Comprou um grande cutelo,
Ferro que não envergasse
Nem se quebrasse a martelo
Mandou chamar Papa-vento
Para bater-se em duelo.

Limpou as armas bem limpas
E amolou o facão,
Escovou o bacamarte
Apertou o cinturão,
Muniu bem a cartucheira
E seguiu na direção.

Levou como testemunha
O Besouro mangangá
E avisou ao Papa-vento
Que se preparasse lá...
Disse o Papa-vento: Diga-lhe
Que pode vir, eu estou cá.

Chegou então o Calango
E falou ao Papa-vento:
Um de nós descera hoje
Ao chão do esquecimento,
Eu já dei terminações
Até no meu testamento.

Então disse o Papa-vento:
A vida é quase uma peta
O risco que corre a broca
Corre também a marreta,
Eu não sou como sagüim
Para morrer com careta

Então disse a Lagartixa:
Quero ver quem cai primeiro,
O que ganhar já se sabe
Que foi o melhor guerreiro,
Eu corro os bolsos do morto
Para ver se tem dinheiro.

Calango atirou primeiro
Papa-vento se livrou,
Naquele mesmo momento

Nele também atirou;
Calango era muito destro
Do tiro se desviou.

Trocaram mais quatro tiros
Porém nenhum atingiu,
O Papa-vento puxou
Pela espada e partiu,
Logo no primeiro encontro
A Lagartixa sorriu.

Disse: Bravos, Papa-vento
Gostei de ver seu sistema,
Bater logo a ferro frio
Inda que chore ou gema,
Naquele momento viram
O Gato e a Seriema.

O Papa-vento correu
E subiu por um cipó,
A Lagartixa, coitada,
Essa ficou que fez dó,
A Seriema comeu-a
Para não deixá-la só.

O Papa-vento saiu
Que parecia um corisco
Subiu num cipó e disse:
Aqui eu não corro risco,
O Gato foi ao Calango
E fez dele um bom petisco.

A Seriema pegou
A Lagartixa no meio
Saboreou-a no bico
E ficou de papo cheio,
Isso resulta à pessoa
Que sorri do mal alheio.

Papa-vento olhou de cima
Disse Couro velho espicha,
Eu ia me desgraçando
No namoro dessa bicha,
O diabo é quem quer mais
Namoro de Lagartixa.

O Calango se acabou,
Eu quase que tenho fim,
Lagartixa tão caipora
Nunca tinha visto assim,
Mil diabos a carregue
Para bem longe de mim.

D'agora em diante sei
Quanto custa namorada,
Logo a primeira que tive
Foi assim estuporada,
A segunda com certeza
Inda será mais danada.

FIM



O poeta paraibano **Leandro Gomes de Barros**, além de ser considerado pioneiro na publicação de folhetos rimados, é autor de uma obra vastíssima e da mais alta qualidade, o que lhe confere, sem exageros, o título de poeta maior da Literatura de Cordel.

Nascido em Pombal-PB, em 19 de novembro de 1865, faleceu no Recife-PE, no dia 04 de março de 1918, deixando um legado de aproximadamente mil folhetos escritos.

Depois de sua morte, a viúva do poeta, D. Venustiniana Aleixo de Barros vendeu os direitos autorais de suas obras a João Martins de Athayde, que passou a publicá-la negando-lhe a autoria, fato que foi em parte reparado nas antologias de Literatura de Cordel publicadas nos últimos 30 anos.



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).